

## AS PEREGRINAÇÕES DA MULHER PRETA E POETA MATO-GROSSENSE

Maria Cleunice Fantinati da Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo apresenta um recorte da pesquisa realizada no período de doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – Universidade Estadual de Mato Grosso. Ao percorrer a rota da escrita feminina em Mato Grosso, do século XIX ao XX, percebemos que não existem registros da escrita produzida pela mulher negra nesse período. Luciene Carvalho é a primeira mulher preta a ocupar uma cadeira na Academia Mato-grossense de Letras. Em 2023, passa a ser a primeira escritora negra a assumir a presidência de uma Academia de Letras no Brasil. Ela é uma multiartista, atriz, poeta, diretora, ou seja, uma mulher em trânsito. O texto apresenta a trajetória da escritora com inserções analíticas de seu percurso enquanto literata. Os métodos para a análise iniciaram-se com a seleção de alguns poemas das obras *Na Pele* (2020) e *Dona* (2018). Buscou-se fundamentar a ideia de movimento buscou-se pelos estudos empreendidos por Walter Benjamin (1989) e Antonio Candido (1993). A poesia de Luciene transcende o estático, pois a mulher peregrina percorre os espaços físicos transformando-os em laboratório para sua arte. A poeta recolhe experiências de suas andanças cotidianas para transformá-las em matéria artística. A poética que habita o ser Luciênico é analógica a itinerância estática do viajante-escritor, proposta por Machado e Pegeaux (2001). Assim, na similitude entre o espaço físico e espaço poético estância a estética da mobilidade na contemporaneidade. Considera-se a itinerância poética e o espírito peregrino da escritora cuiabana, tanto nas temáticas, quanto no deslocamento subjetivo do eu-poético, seja na sua performance no palco, como também por onde anda, viaja, passeia sua poesia que representa genuinamente uma expressão poética da mulher negra mato-grossense. Sua envolvente poesia encanta, mas seus versos não descansam, neles residem a contínua itinerância, visto que estão sempre em prontidão para a luta.

**Palavras-chave:** Luciene Carvalho, Mulher Preta, Espírito Peregrino, Itinerância Poética.

### INTRODUÇÃO

A literatura produzida em Mato Grosso, remonta ao final do século XIX e início do século XX, em especial, com os cadernos de Arlinda Morbeck, tornando-se cada vez mais evidente, visto que pesquisadores resgataram e resgatam do passado nomes e obras que praticamente estavam adormecidas no esquecimento. As constantes pesquisas têm possibilitado que muitos escritores/as renasçam na literatura brasileira e recebam o reconhecimento da crítica atual.

Sabe-se que a arte pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista, “em primeiro lugar, há a necessidade de um agente individual que tome para si a

---

<sup>1</sup>Doutora em Estudos Literários (PPGEL - Universidade do Estado de Mato Grosso). Mestra em Estudos de Linguagens (UFMT- Universidade Federal de Mato Grosso). Professora no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – Campus Tangará da Serra-MT. E-mail: [fantinati.silva@ifmt.edu.br](mailto:fantinati.silva@ifmt.edu.br);

tarefa de criar ou apresentar a obra” (CANDIDO, 2000, p. 25). O crítico literário assume a tarefa de recriar e/ou apresentar a obra literária fazendo-a circular no meio acadêmico.

Por meio das pesquisas, é possível o renascimento de uma obra literária inúmeras vezes. Nesta perspectiva, a organização metodológica do texto, inicia-se com a releitura da tese, intitulada: “Luciene Carvalho: a itinerância de uma poeta peregrina”, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGEL – da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Posteriormente, selecionou-se dois poemas, sendo “Tesouro” do livro *Na Pele* (2020) e “Periférica” do livro *Dona* (2018).

A partir de uma perspectiva de gênero e raça, no contexto brasileiro, é plausível a reconfiguração da figura do andarilho/a na atualidade com os atributos da metáfora do peregrino de Bauman, pois “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é o meio da travessia.” (BAUMAN, 2001, p. 26). Percebeu-se na produção literária de Luciene Carvalho um espírito peregrino que necessita de um olhar analítico, pois segundo Bauman, o lugar do Peregrino deve ser ordenado, paulatino, sólido, onde as pegadas fiquem gravadas para sempre, a fim de eternizar os registros das suas viagens preteridas. Os estudos de Walter Benjamin (1989) corroboram para o início deste trajeto que pretende chegar às reflexões de Bauman.

Embora Luciene Carvalho seja conhecida no meio literário em Mato Grosso e seu trabalho alcance vários meios de divulgações acadêmicas e midiáticas, ainda existe um vácuo em relação ao estudo de sua produção pautado em pesquisas científicas com maior densidade crítica, ou seja, urge um olhar mais detalhado sobre a produção literária da escritora.

Para a escritora mato-grossense, mulher, negra e pobre, num estado em que a literatura é considerada como periférica, foi preciso coragem para se constituir como escritora e poeta. Escrever, para Luciene Carvalho, foi uma forma de transformá-la, visto que se tornou sujeito de sua própria história. Escrever, para a poeta, portanto, se tornou uma alternativa de emancipação e, conseqüentemente, uma produção de conhecimento. Entretanto, fazer-se uma profissional da literatura foi uma opção de vida, pois sua poesia é o seu pão de cada dia.

## **NA ROTA POÉTICA DE LUCIENE CARVALHO**

A partir da observação subjetiva do poeta podemos, então, atribuir significados de movimento na inércia do corpo, ou seja, a poesia não somente sensibiliza, mas conduz o poeta e o leitor para outros lugares.

Quanto a palavra Peregrina, (substantivo feminino de peregrino, vem do latim *peregrinum*), na sua forma literal, significa aquela pessoa que anda em romaria, em peregrinação ou viaja para um lugar santo, de devoção; romeiro, conforme o Dicionário - Porto Editora. Para complementar, Peregrina vem do verbo peregrinar, significa aquele ou aquela que jornadaia, viaja, ou seja, anda longamente por lugares vários e distantes.

A peregrinação é uma antiga realidade da mobilidade humana presente tanto em grandes tradições religiosas, como por exemplo, no islamismo, no cristianismo, no hinduísmo, como também em tribos e comunidades afastadas dos grandes centros urbanos. Não é de se ignorar que tenha despertado o interesse de inúmeros pesquisadores em diferentes contextos.

Viajantes, migrantes, turistas, peregrinos, conferencistas, estudantes, convertidos. Se existe um signo que parece caracterizar a contemporaneidade é a mobilidade. Pode-se notar, entretanto, que nenhum dessas figuras é recente; seria preciso, então, inverter os termos e apontar que o novo nestes tempos não é tanto a mobilidade, mas como usar a mobilidade para olhar para estes tempos. (FEBREAU, 2019, p. 2).

A novidade apontada pelo autor citado, é, portanto, o modo como olha-se para o movimento dos seres humanos no mundo pós-moderno. Na contemporaneidade a peregrinação adquire novos sentidos e passa a ser uma penosa movimentação por vários lugares imposta por novas formas de trabalhos, estudos, pesquisas e obrigações etc.

Ao olhar a realidade social através da lenta da mobilidade Zygmunt Bauman utiliza-se a metáfora do peregrino para significar um momento de transição histórica. Em sua conceituação sobre modernidade e pós-modernidade cria as metáforas do peregrino e turista. Nas suas postulações, o peregrino é aquele que busca sua essência para o sentido da vida, seria como uma espécie de alegoria adequada da estratégia da vida moderna.

Para essa figura metafórica, a verdade estaria sempre em outro lugar, que não esse onde se acha agora. O suposto lugar onde se encontraria a verdade está sempre distante, tanto no tempo quanto no espaço, ela o busca incansavelmente. Essa à sua missão real, sua maneira de se encontrar – na plenitude da busca. (NEGRI, 2012. p. 89).

A figura do peregrino/a nos direciona a alguém disposto/a percorrer longos trajetos, a realizar longas caminhadas. O peregrino/a segue uma verdadeira busca existencial, que pode ter contornos espirituais ou até mesmo políticos, pois possui uma característica própria de estar sempre na difícil tarefa da construção de sua identidade. Apesar de grande parte das peregrinações serem realizadas em grupo, a decisão de

peregrinar, a própria experiência de peregrinação arraiga em motivações, necessidades e anseios abalizardamente pessoais e, neste sentido, podemos considerar que toda a peregrinação assume uma natureza individual.

Por fim, considerando os conceitos atribuídos as palavras “Itinerância” e “Peregrina”, entende-se que existe um ponto de encontro entre elas, pois não se distinguem do sentido de mobilidade e deslocamento. Entretanto, ser peregrino/a no mundo contemporâneo é buscar pela própria identidade e firma-se enquanto duradouro, o seja, eterniza-se. Porém, como o escritor/a poderia se eternizar num mundo fragmentado? “Bem mais importante do que descobrir a identidade seria aprender a conservá-la.” (NEGRI, 2012, p. 90). Assim, a peregrinação poderá trazer sentido introduzindo o sujeito na vida e na própria construção de sua identidade para posteriormente, conservá-la.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após percorrer a rota da escrita feminina em Mato Grosso constatou-se que não existem registros da escrita literária produzida pelas mulheres negra no século XIX até metade do século XX. Muitas vozes foram emudecidas, apagadas e, provavelmente, seja este o motivo da ausência da mulher negra escritora em Mato Grosso, nos séculos passados. Somente na segunda metade do século XX, é que nos deparamos com a voz Luciênica para registrar na historiografia literária de Mato Grosso a melanina africana. Com Luciene Carvalho, a literatura conhece a voz da poética melânica e resgata todas as outras vozes que foram silenciadas na história de nosso Estado.

A escritora Luciene Carvalho está no auge de sua carreira e aparece, frequentemente, em entrevistas de televisão e rádio, além das redes sociais, onde se tem acesso a inúmeros vídeos com entrevistas, declamações e encenações poéticas.

No palco, sua poesia ganha vida e movimento, através das apresentações e shows poéticos. Luciene Carvalho faz isso unindo figurino, efeitos cênicos e trilhas musicais, entre outros recursos, para oferecer sua poesia viva e colocá-la a serviço da emoção da plateia. (NADAF, 2004, p. 119). Neste ponto, constatamos sua itinerância artística. A escritora se desloca para ir ao encontro de seu público, seja na capital ou no interior do estado, e realiza suas performances em shows teatrais e/ou em espaços alternativos.

Ao analisar o poema de Mário de Andrade “Louvação da tarde”, Antonio Candido descreve-o a partir “da relação dinâmica, na qual o emissor do discurso se movimenta.

Nesta perspectiva, Candido declara que a poesia itinerante “trata-se da função poética em marcha, o corpo em movimento para espertar a mente”. (CANDIDO, 1993, p. 261).

O artista sempre esteve ligado à itinerância pelas mais variadas questões como, por exemplo, de subsistência, independência profissional, espiritualidade, ideal artístico, dentre outras que sempre impulsionaram as pessoas relacionadas à arte a se mobilizarem constantemente. Em “a *Odisseia* temos um dos testemunhos mais antigos sobre a existência de profissionais itinerantes que viajavam pela Grécia e asseguravam o seu sustento com a prestação de serviços”. (FERREIRA, 2013, p. 19).

Observa-se nos versos a seguir um constate deslocamento: “Sigo a pé/ que a terra é grande/ por onde quer/ que eu ande/ sempre há por percorrer.../ de que vale/ então correr?” (CARVALHO, 2012, p. 61). Assim, a voz poética Luciênica revela sua itinerância, pois sabe que sempre haverá por onde andar. Tenta desvencilhar-se da ideia de permanência, visto que a sua poética necessita peregrinar porque a terra é grande.

Há uma certa inquietude que determina a impermanência na poética de Luciene Carvalho, seja nas temáticas abordadas ou nas andanças subjetivas, visto que “Quando saio à noite/ e vejo aquelas mulheres todas/ que percorrem a cidade,” (CARVALHO, 2018, p. 94). O verbo “sair” expressa o movimento do eu-poemático que, simultaneamente, se move e vê o mover de outras mulheres na cidade. O movimento cotidiano da urbanidade torna-se poesia por meio das andanças da escritora. Neste caso, se desloca e observa o “outro” em movimento. Nos verbos: “O homem desce/ do ônibus, / caminha pela calçada, pela noite/ pela vida.” (CARVALHO, 2020, p. 63), também percebemos a itinerância urbana, conceituada por Candido (1993). Assim,

[...] instaurou a poesia da grande cidade, inclusive do ângulo do passeador, estudado por Walter Benjamin num ensaio “Paris, capital do século XIX” e mais detalhadamente, nos “Temas baudelairianos”, onde aborda sobre a multidão. Em Baudelaire a grande cidade foi transformada numa espécie de nova paisagem que substitui a natural (CANDIDO, 1993, p. 263).

Os conceitos de poesia itinerante de Antonio Candido (1993), consubstancializa a ideia de movimento do emissor do discurso, pois se trata da função poética em marcha conceituada por Jean-Jacques Rousseau. O passeante solitário de Rousseau vinculado ao sentimento da natureza representa a meditação e o corpo sempre em movimento. Para Candido, o livro de Rousseau é um marco na formação do romantismo e um exemplo que ajuda a entender a atmosfera espiritual que gerou a poesia itinerante.

Na contemporaneidade, a contribuição poética de Luciene Carvalho é canal de expressão da voz de um coletivo, sua arte vai ao encontro de seu público. Porque seus poemas evocam a coragem aos seres que se identificam com esse lugar de subalternidade. Sua poesia envolvente encanta plateias, sejam eles espectadores de sua arte no palco ou leitores de seus livros nas escolas, universidades etc. Sua poética estimula a reflexão e abre caminhos para o pensamento crítico. Como aponta os versos do poema

**“Tesouro”**

Sufrimento  
e lamento  
seriam rima  
e suprimento  
para mais uma  
e mais outra geração.

Mas não!

Ainda somos medo.  
Embora enlouquecidos  
por todo o havido,  
começamos nova rota  
decididos!

[...]

Melhor fosse – talvez –  
ficar ligeiro,  
pois os herdeiros  
do navio negreiro  
estão traçando  
um novo mapa da mina.

O tesouro almejado  
é a melanina,  
é a cultura raiz.

[...]

Quem não viu,  
verá!

Somos maioria no Brasil,  
tá perto, já  
– meu peito diz.

A Era Afro acontecerá  
Plena de um povo mais feliz.  
(CARVALHO, 2020, p. 91-92)

Na tessitura do texto poético, simultaneamente, a escritora vai tecendo a resistência no próprio fazer artístico, porque: “todos nós somos história e juntos a fazemos. O poema é como um eco da sociedade, mas é ao mesmo tempo sua criatura e criador, ocorre com o resto das atividades humanas.” (PAZ, 1972, p. 165). Neste poema, a estética da melanina conclama seu povo para resgatar a cultura por meio da palavra poética. Luciene Carvalho elucidada o caminho que reúne o estético, ético e político para

refletir sobre a questão da inoperância em relação aos direitos do povo afrodescendente no Brasil.

[...]. A arte não é uma actividade humana de ordem estética, que pode, eventualmente e em determinadas circunstâncias, adquirir também um significado político. A arte é em si própria constitutivamente política, por ser uma operação que torna inoperativo e que contempla os sentidos e os gestos habituais dos homens e que, desta forma, os abre a um novo possível uso. [...]. Aquilo que a poesia cumpre em relação ao poder de dizer e a arte em relação aos sentidos, a política e a filosofia têm de cumprir em relação ao poder de agir. (AGAMBEN, 2007, p. 49).

O poema traz resquícios do período da colonização em Mato Grosso. Os primeiros versos retomam o passado por meio do “Sofrimento/ e lamento/ seriam rima/ e suprimento/ pra mais uma/ e mais outra geração.” Porém, a poética Luciênica expõe a sua resistência à continuidade desta história e, apesar do medo, não aceita aquilo que foi posto pelo colonizador europeu. A voz que emana das palavras do poeta, “justamente por ser palavras, são suas e alheias. Por uma parte, são históricas: pertencem a um povo e a um momento da fala desse povo: são algo datado. Por outra, são anteriores a toda data: são um começo absoluto.” (PAZ, 1972, p. 185)

O poema “Tesouro”, reafirma que a melanina é o tesouro almejado, ou seja, o povo negro não pode se deixar corromper pela cultura do “branco”, e se sujeitar aos dominadores contemporâneos, pois, eles são os herdeiros do colonizador europeu. A atitude do eu-poético, expõe nos versos, a estética da reviravolta, porque: “Somos maioria no Brasil” e, não falta muito tempo – “meu peito diz”. Há esperança para seu povo, pois se reconhece como sujeito desta história a partir do verbo ser, conjugado na primeira pessoa do plural: “Somos maioria no Brasil”.

Para entender as dificuldades que uma mulher negra enfrenta para se lançar e se manter enquanto escritora, no Brasil, é necessário conhecer um pouco sobre o nosso processo de colonização. Certamente, o modo como se desenvolveu o processo de colonização de cada país reflete na vida dos seus descendentes. Deste modo, considerando que somos um país latino-americano, logo, colonizado e explorado pela hegemonia branca, fundado sobre o extermínio de povos originários e a escravização de povos africanos, as mulheres, de modo geral, não encontrariam as portas abertas no campo literário.

Os estudos de Madeira e Gomes (2018) alertam para visibilidade das desigualdades raciais quanto à renda média das mulheres, especialmente a das negras, que continua muito não só em relação à dos homens,

[...]como também em relação à das mulheres brancas. [...] Fatos como esses têm impedido que as mulheres negras desenvolvam suas potencialidades e consigam mobilidade e ascensão social, pois ocupam posições de desvantagens no que concerne à ocupação e renda, à escolaridade, à entrada na educação superior e no mercado de trabalho, enquanto há predominância no trabalho doméstico. (MADEIRA & GOMES, 2018, p. 471).

Para a mulher negra acaba sendo mais difícil manter as exigências da produção literária, pois precisa suprir estas exigências materiais. A liberdade intelectual, continua dependendo de coisas materiais. “O poeta pobre não tem hoje em dia, nem teve durante duzentos anos, a mais remota chance [...]” (QUILLER - COUCH *apud* WOOLF, 2014, p. 151). O professor da Virginia Woolf, questiona sobre a dificuldade de ser poeta, visto que a maioria dos poetas eram homens que pertenciam a universidades, ou seja, foram homens que de uma forma ou outra receberam a melhor educação que a Inglaterra podia oferecer.

As constatações de Quiller-Couch resultam das suas observações em trezentos e vinte escolas de ensino básico, durante dez anos. Para ele, o poeta pobre não tinha mesmo nenhuma chance, ainda que desonroso enquanto nação, ou seja, ele percebia a existência de alguma falha no estado democrático de seu país. Agora, situando-nos na atualidade e, em nosso país, então percebemos que pouca coisa mudou, pois continuamos dependendo dos recursos materiais para ter condições de se tornar escritor/a. E, ao pensarmos, sobretudo, na situação da mulher pobre que deseja tornar-se escritora, logo nos deparamos na mesma questão: a necessidade dos recursos materiais. Neste sentido, podemos imaginar as dificuldades enfrentadas por uma mulher negra que escolheu como profissão ser escritora de literatura no Estado de Mato Grosso.

A poeta Luciene Carvalho sabe que é a necessidade material que a coloca em movimento, pois anda por todo o estado de Mato Grosso para mostrar o seu produto, ou seja, sua poesia, assim ela procura se afirmar enquanto pessoa, não submergir na loucura e busca pelo próprio sustento.

Existe uma questão de identidade ao encontrar o mundo nas pessoas, nas novas ruas, nas redes sociais. Ou seja, em Luciene Carvalho, a questão da identidade “se funda no contato com o outro, decorrente em grande parte de sua experiência andarilha e que implica uma multiplicidade de olhares e afetos” (RIBEIRO, 2016, p. 431), e expressa:

**“Periférica”**

[...]

Meu verso é onde eu guardo  
o olhar que tenho do mundo

que vejo da janela  
do fundo  
do ônibus,  
da calçada, andando a pé,  
meu verso tem o pé na rua,  
[...].  
(CARVALHO, 2018, p. 89).

O verso Luciênico torna-se o lugar em que a poeta guarda a impressão que tem do mundo, pois o aprecia da janela do fundo do ônibus. Estar no ônibus, além de expressar a ideia de movimento, significa envolver-se com o coletivo. Da mesma forma “da calçada, andando a pé”, existe o movimento no meio do coletivo, pois seu verso tem o pé na rua. Nestes versos, deparamo-nos tanto com a itinerância, quanto com a subjetividade porque, “arte é uma produção; logo, supõe trabalho. Movimento que arranca do não ser, a forma do amorfo, o ato da potência, o cosmo do caos”. (BOSI, 1999, p. 13). A terra está em movimento, independente da nossa vontade, o mundo gira, o tempo passa. Estar em movimento possibilita alterações, renovações, ou seja, as modificações acontecem. “Não apenas em Wordsworth, mas noutros românticos de diversos países a poesia itinerante foi renovadora, exprimindo a nova correlação entre o homem e a natureza” (CANDIDO, 1993, p. 262), assim a itinerância poética se renova no decorrer do tempo.

As mudanças fazem parte do processo histórico, sejam elas de origem natural ou pela influência humana. Candido (1993) traz as reflexões de Walter Benjamin sobre as transformações ocorridas em Paris, no século XIX, e vivenciadas por Baudelaire, onde a grande cidade foi transformada numa nova espécie de paisagem substituindo a natural. A obra baudelairiana instaurou a poesia da grande cidade, inclusive do ângulo do passeador.

Pelos poemas em prosa de Baudelaire, cria uma espécie de nova naturalidade, de nova espontaneidade, no quadro artificial e mecanizado da metrópole, tratada como fonte de um fantástico que a imaginação descobre nas dobras do cotidiano. (CANDIDO, 1993, p. 263).

Neste sentido, entendemos que a itinerância poética se atualiza no tempo e no espaço. Se a modernidade começa com obra de Baudelaire e com a urbanização, a poesia contemporânea adentra novos espaços, provavelmente inimagináveis ao poeta parisiense. Mesmo “andando a pé,” a poesia Luciênica viaja rompendo limites espaciais, navega pelas redes sociais.

Esse fenômeno trata-se da formação do público em relação a posição do escritor. Posição que irá depender, nas palavras do teórico, do “conceito social que os grupos elaboram em relação a ele, e não necessariamente ao seu próprio. Este fato exprime o

reconhecimento coletivo da sua atividade, que se justifica socialmente”. (CANDIDO, 2000, p. 75). Nesta perspectiva, foi o reconhecimento de seu público que a levou para as redes sociais, independente do conhecimento da escritora.

Considera-se, aqui, as ponderações de Antonio Candido (2000), pois escrever possibilita as manifestações alheias, ou seja, o escritor depende do público para dar sentido e realidade à obra. A realização do autor só se concretiza com a avaliação do público, já que este é como um espelho que reflete a sua imagem enquanto criador, pois

[...] o reconhecimento da posição do escritor (a aceitação das ideias ou da sua técnica, a remuneração do seu trabalho) depende da aceitação da sua obra, por parte do público. Escritor e obra constituem, pois, um par solidário, funcionalmente vinculado ao público; [...]. (CANDIDO, 2000, p. 77).

Nas concepções do teórico em pauta “a ausência ou a presença da reação do público, a sua intensidade e qualidade podem decidir a orientação de obra e o destino de um artista. A aceitação do público fez a poesia de Luciene Carvalho caminhar e figurar diversos espaços. No seu perambular cotidiano, Luciene Carvalho vai colhendo a matéria viva para a composição dos seus poemas. Porque seu olhar extrair do banal, do corriqueiro, as palavras que são guardadas em seus versos. O poema “Periférica”, exemplifica muito bem todo o seu jeito de fazer poesia, pois: “Meu verso é onde guardo/ olhar que tenho do mundo/ que vejo da janela/ do fundo/ do ônibus, / da calçada/ andando a pé” (CARVALHO, 2018, p. 89).

Luciene Carvalho pode ser definida como uma caixeira viajante, ou seja, aquela pessoa que enche a mala com seu produto, pega a estrada e vai ao encontro do seu cliente. No caso da poeta, seus clientes são os leitores. Porque ela pega a estrada e vai aonde tiver público novo para vender o seu produto para poder voltar para casa, para poder descansar, já que para escritora o descanso de sua vida é pagar suas contas. Viajar para a escritora, tornou-se necessidade, enquanto faz da poesia seu pão, recolhe das viagens material para sua poesia, então,

[...]Assim, a viagem é, simultaneamente uma experiência humana singular, única, inconfundível para aquele que a viveu, e um testemunho humano que se inscreve num momento preciso da história cultural de um país: o do viajante. Por seu turno, este conceito de uma cultura implica para o **escritor-viajante** a escolha de uma escrita, a forma literária, mais ou menos pessoal, da sua narrativa. (MACHADO; PEGEAUX, 2001, p. 33).

As constantes viagens de Luciene Carvalho nos conduzem a adjetiva-la como uma “Poeta Peregrina”, pois a caminhada lhe é uma experiência rentável, uma busca por si mesma, onde até a passagem pelo deserto tem uma utilitária função. Mesmo com todas as dificuldades, a escritora não desistiu da literatura porque carrega a certeza da imortalidade de sua arte, pois tomou a sua história e a transformou a partir da prática artística e literária. Para o Peregrino a vida é um ato contínuo e cheio de significados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

São várias as questões que determinaram a itinerância do artista, sejam elas pela subsistência, independência profissional, apresentações, shows, eventos, espiritualidade, ideal artístico etc., as pessoas relacionadas à arte estão acessíveis à mobilidade para levar seu produto artístico onde se fizer necessário. Este é um tipo de deslocamento espacial. Assim, a itinerância Luciênica se constitui enquanto mediadora entre a sua obra e o público, pois revela toda a fluência de um sujeito poético em trânsito.

Sua envolvente poesia encanta, mas seus versos não descansam, neles residem a contínua itinerância, visto que estão sempre em prontidão para a luta. Luciene Carvalho, se converteu em uma digna representante na escrita literária em Mato Grosso, com um estilo próprio, adentrando espaços, quebrando protocolos e rompendo fronteiras com sua linguagem e discursos poetizados. Dessa forma, identificando-se com os mais diversos grupos minoritários e marginalizados. Sua poética ultrapassa o plano estético e consolida-se na representatividade da vida e do mundo, assumindo um papel social.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. Arte, inoperatividade, política. Trad. Simoneta Neto. In: AGAMBEN, G.; MARRAMAO, G.; RANCIÈRE, J.; SLOTERDIJK, P. Política: Crítica do contemporâneo. Edição bilíngue (Português /Inglês). Lisboa: **Fundação Serralves**, 2008. (Conferências Internacionais Serralves).

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Ed. **Zahar**, 2001.

BENJAMIN, W. Obras Escolhidas III – Charles Baudelaire – Um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: **Brasiliense**, 1989.

BOSI, A. **Reflexões Sobre a Arte**. São Paulo: Ática, 1999.

CARVALHO, C. Na Pele. 1. ed. Cuiabá: **Carlini & Caniato**, 2020.

CARVALHO, C. Dona. 1. ed. Cuiabá: **Carlini & Caniato**, 2018.

CARVALHO, Ladra de Flores. Cuiabá: **Carlini & Caniato**, 2012.

CANDIDO, A. O poeta itinerante. In: CANDIDO, A. O discurso da Cidade. São Paulo: **Duas Cidades**, 1993, p .257-278.

CANDIDO, A. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 8 ed. São Paulo: **T. A. Queiroz**, 2000.

CANDIDO, A. **A formação da literatura Brasileira**: momentos decisivos. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia LTDA, 2000.

DICIONÁRIO - **Porto Editora**. Disponível em:  
<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/peregrina>. Acesso em: 10/01/2023.

FABREAU, M. Cuando el Peregrino Comulga con el Turismo: sobre la inclusión de una dimensión turismológica en la antropología del peregrinar. **Revista Latino-Americana De Turismologia**, 5(1 e 2). (2019). Disponível em:  
<https://doi.org/10.34019/2448-198X.2019.v5.13956>. Acesso em: 03/03/2023.

FERREIRA, L. de N. Mobilidade poética na Grécia antiga: uma leitura da obra de Simónides. 1 ed. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra: **Coimbra**, 2013.

MACHADO, Á. M.; PAGEAUX, D.H. Da literatura comparada à teoria da literatura. 2. ed. rev. aum. Lisboa: **Presença**, 2001.

MADEIRA, Z.; GOMES, D. D. de O. Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo. **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, n. 133, p. 463-479, set./dez. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.154>>. Acesso em: 10/07/2022.

NADAF, Y. J. **Presença de Mulher: ensaios**. Rio de Janeiro: Lidador, 2004.

NEGRI, M. A. E. Apropriações do Pensamento de Zygmunt Bauman para Análise da Criação Publicitária Contemporânea. **Revista Pucsp**, 2012. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/tessituras/issue/view/797>. Acesso: 03/03/2023.

PAZ, O. El Arco y la lira. El poema, la revelación poética, poesía e historia. 3. ed.- México: **FCE**, 1972.

QUEDNAU, M. Sincronização do Tempo de Sinal Verde de Semáforos Utilizando Microcontrolador (Malha Aberta). 62f. (Monografia). Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas. Curso de Engenharia de Computação. UniCEUB - Centro Universitário de Brasília: **Brasília**, 2008. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/3240/2/20436502.pdf>. Acesso em 20/10/2022.

RIBEIRO, G. T. O fim do fim da arte: a poética itinerante de Paulo Nazareth. **Revista Landa**. Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 427-460, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/177509>>. Acesso em: 25/06/2021.  
WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. 1, ed. – São Paulo: Tordesilhas, 2014.